

Entre a Pedagogia da Rua e a Sociedade Capsular

Between Pedagogy and the Capsular Society

Rodrigo Vitorino Assumpção

Professor Doutor da Unicid -SP,
rodrigo.assumpcao@unicid.edu.br

Antonio Busnardo Filho

Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo,
Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG, MT).
antonio.busnardo@univag.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as ruas da cidade pós-moderna, que emerge com um papel estruturante no contexto urbano contemporâneo. A rua estabelece planos de vivências em diferentes momentos da vida social. O homem marca seu espaço e seu tempo nas ruas da cidade. Isso significa que cada sociedade abordará diferentemente as questões sobre a rua, pois em cada período da História, o homem deixa seus registros no tempo e no espaço. Nesse contexto, a rua tem um papel ambíguo, é vista ora como palco e cenário, ora como plateia das manifestações sócio culturais dos seus habitantes. Desta forma, a cidade pode ser interpretada como um sistema simbólico onde a identidade urbana e sua respectiva arquitetura (como produtos da cultura humana) são reflexos de sociedades que habitaram - ou habitam - esse espaço. A rua coloca-se em um papel fundamental para pensar a cidade, pois é nela que o homem deixa sua marca no tempo e no espaço. Na cidade contemporânea, as ruas são palco de uma sociedade capsular, isto é, habitantes com comportamentos endógenos, individualizados. Isso acarreta uma sociedade do medo, da indiferença, da pedagogia do desapego. Mas é na rua que emerge uma pedagogia urbana – essência da Polis Grega – pouco discutida contemporaneamente. Nesse contexto, caminhar pela cidade constitui uma ação fundamental para refletir sobre a pedagogia urbana. O presente trabalho apresenta uma relação antagônica entre a sociedade capsular e a pedagogia urbana, a fim de compreender como as relações sociais se estabelecem nas ruas da cidade contemporânea.

Palavras Chave: Pós-Modernismo, Sociedade Capsular, Pedagogia Urbana.

ABSTRACT

This work has as its thema the streets of the postmodern city, which a structuring role in the contemporary urban context. The street establishes plans of experiences at different times of social life. Man marks his space and his time in the streets of the city. This means that each society will approach the questions on the street differently, because in every period of history, man leaves his records in time and space. In this context, the street has an ambiguous role, it is sometimes seen as stage and scenery, sometimes as an audience of the sociocultural manifestations of its inhabitants. This way, the city can be interpreted as a symbolic system where urban identity and its respective architecture (as products of human culture) are reflections of societies that inhabited – or inhabit - this space. The street places itself in a fundamental role to think the city, the streets are the scene of a capsular society, that is, people with endogenous, individualized behaviors. This leads to a society of fear, of indifference, of the pedagogy of detachment. But it is on the street that emerges an urban pedagogy – essence of Greek Polis – little discussed contemporaneously. Walking around the city is a fundamental way of reflecting on urban pedagogy. The present work presents an antagonistic relation between the capsular society and the urban pedagogy, in order to understand how social relations are established in the street of the contemporary city.

Keywords: Post modernism, Capsular society, Urban Pedagogy.

INTRODUÇÃO

A paisagem urbana é composta por um conjunto de elementos perceptíveis que permitem a construção da imagem da cidade; dentre esses elementos estão os que permitem ou facilitam o deslocamento dos cidadãos, gerando a mobilidade urbana – mesmo que confusa e difícil -, possibilitando ao transeunte um contato mais imediato com o local em que vive e trabalha. É a partir da rua que se observa a cidade, de maneira mais aprofundada, e se percebe as perspectivas urbanas e as paisagens dos locais por onde se passa. A rua permite e facilita a criação de metáforas e a construção de símbolos de deslocamento, de permanência, de apropriação, de territorialidade. Mas, é na rua também que a história acontece, e que os fatos se sobrepõem, reorganizando memórias e vivências, contando histórias e modificando lugares. Talvez, mais do que um palimpsesto, a rua é o local das heterotopias (Foucault, 2013) de múltiplos sentidos -, é na rua que os inter-relacionamentos sociais surgem dinamizando a vida urbana, fazendo da cidade e destas relações um espetáculo cotidiano, que tanto pode ser vivenciado ao rés-do-chão, ou pela observação curiosa através da janela (Jorge, 1995).

A rua é compreendida a partir dos planos de vivência, em determinados momentos da vida social, permitindo que se diga que o homem e o espaço se constroem, à medida que agem um sobre o outro, conformando à rua um sentido ontológico. Toda a experiência mais significativa da vida do cidadão acontece na rua onde mora. O homem se cria na cidade, modelando o seu espaço, como se modela um artefato através dos tempos; constrói espaços para o convívio, de maneira planejada ou não, como resultado do acúmulo de conhecimentos, da cultura, que faz com que cada espaço tenha sua própria linguagem; daí a característica dos lugares e suas peculiaridades, daí a intensidade de influências na percepção dos fatos cotidianos, dependendo de onde se toma conhecimento destes fatos, conforme Sansot (2004). João do Rio apresenta a rua como um ato intencional do homem, isto é, um gesto carregado de suor humano e com alma (Rio, 2007). Suor e alma que caracterizam a dimensão simbólica da rua não só como espaço público, mas antes como lugar de socialidade (Maffesoli, 1993) – “tragédia do presente”, banalidade do cotidiano, nas fugas da institucionalização ou racionalização da vida do dia-a-dia, etc; portanto, tudo o que o controle social não consegue determinar. A rua é lugar de trocas e de construção social, intermediada pela produção de cultura; cara a Edgar Morin, enquanto um lugar especial, a rua é, como ele diz, provedor de cultura: “sem minha cultura das ruas, não teria podido desenvolver minha cultura” (2013, 43). A socialidade e cultura fazem da rua o lugar da recursividade e da construção simbólica do sentido de cidade, a rua dá o tom do que é a cidade, ou que tipo de cidade se vivencia. Rua é cultura, local de recursividade; local dos mitos, e, portanto, elemento arquetípico da cidade. Local de trajetividade (ambivalente relação entre o físico e o fenomenal; entre o subjetivo e o objetivo, materialidade e imaterialidade), de mudanças, de deslocamento e, portanto, no seu sentido intrínseco de movimento, lugar de transgressão ao determinado e estabelecido.

A rua, como local de construção de cultura humana e de suas variações formais, é o local da descoberta do caráter e do espaço e tempo do nosso mundo (Cassirer, 2005); assim, as formas da cultura encontram nas ruas das cidades seu espaço de acontecimentos. Pode-se dizer que a cultura urbana é uma das formas de educação, no sentido pedagógico do termo – condução ao conhecimento -, que além de ser uma relação humana, carrega o princípio da

formação do cidadão. Este princípio era encontrado na Grécia Clássica; conforme JAEGER (2003) usava-se poemas, odes, hinos, odisseias, mitos, etc, como procedimentos didáticos resultantes de princípios pedagógicos que consideravam o espaço urbano, como espaço de aprendizagem, para a formação plena dos cidadãos. Essas obras ressaltavam a importância da integridade do homem, no que diz respeito ao seu caráter e coragem; essas qualidades davam ao povo e à sua cidade o sentido de comunidade.

Outros procedimentos didáticos para uma pedagogia de formação do homem grego eram as competições físicas, que aprofundavam o sentido de comunidade. A formação do homem grego estava vinculada a uma vida em comunidade, cujos principais educadores eram os homens do Estado, donde surge a expressão *areté* – virtude, no sentido moral. Num sentido mais amplo, o significado de *areté* é a *excelência*, que designa a qualidade; para Platão (2001), o homem vive na polis em comunidade, ou de forma associada, portanto a *areté* deste homem seria a maior de todas as *aretai*, a justiça – o ideal educativo que levaria à perfeição. Os sofistas (V a.C.) rompem com os padrões tradicionais de *areté* e nas *poleis* democráticas educam os homens voltados para a vida prática, para a cidade, suas leis e sua política, independentemente de sua classe social. Na cidade clássica grega, o ideal de formação é o do homem que sabe falar, convencer e conseguir o acordo na cidade; assim, o homem grego desenvolvia sua *areté* na cidade e para a cidade – a excelência deste homem é a política. Considerando que o homem é possível de ser educado e se modifica à medida que se educa, caminhando para a perfeição, sua *areté*, segundo Jaeger (2003) é a própria formação do homem grego – formação no sentido de aquisição de todas as *aretai* possíveis. Esse conceito, expande-se para toda a comunidade com um sentido mais espiritualista, naquilo que é a excelência da Alma.

O homem grego sentia-se parte da *polis*, e tinha consciência da sua importância na política, na filosofia, nas artes; mais do que isso, o homem grego tinha a certeza que era dele a total responsabilidade de manter suas tradições e identidades. Desta forma, a *polis*, com toda sua organização física, reflete diretamente o sentido de comunidade e hierarquias. Edificações com destaque político, religioso e social ficavam evidentes na paisagem urbana. O Paternon, templo dos Deuses, está implantado na acrópole da *polis*, local onde todos os cidadãos visualizam a edificação. Contudo era na Ágora, espaço público, onde os homens se encontravam para discutir sobre política, artes e filosofia. Nesse sentido, a cidade se coloca entre a polaridade do sacro e do laico, ou seja, a pedagogia do sagrado e do profano, como instituinte do sentido educativo da cidade grega.

O espaço urbano da polis grega, portanto, era um espaço educacional. A matéria e a forma da polis era pensada para um espaço que pudesse auxiliar na formação das identidades sociais. Era nas ruas das polis que se lecionava filosofia, que se discutia política e artes. E era a dimensão pedagógica da polis que formava os cidadãos de Atena e de Esparta com suas peculiaridades sociais, organizacionais e comportamentais. As ruas nas cidades gregas eram espaços de socialização e de encontro entre os cidadãos, os *polites*.

Da Grécia Antiga para o século das grandes invenções e descobertas, séc. XIX, as sociedades tradicionais usavam a rua como espaço de convivência e de trocas sociais; com a Revolução Industrial, a rua começa a ser pensada como parte de um processo de produção, afastando o sentido comunitário e seu uso social. De tal modo que, ao ser pensada, na

Modernidade, é descrita na Carta de Atenas, como um eixo de ligação, rigorosamente definido por seus usos. A Pós-modernidade critica este posicionamento, propondo um resgate do sentido comunitário da rua, como forma de restabelecer o tecido social (Jacobs, 2003); e de trazer a sociedade contemporânea para a rua, reconstituindo um espaço não só de convívio humano, mas também a dimensão de um espaço pedagógico.

PEDAGOGIA DOS PASSOS: CAMINHARE LER A CIDADE

O sentido da palavra rua, vem do Latim *ruga*, conforme o Dicionário Aurélio, o que permite se pensar em uma imperfeição do terreno; posteriormente, o significado é ampliado para “sulco”, “caminho”. É sempre melhor pensar o sentido de caminho, até porque a rua adquiriu um significado muito diverso – o que era caminho dos homens e dos animais, agora é para os automóveis. A importância da rua na formação das cidades – organizar as casas ao redor do caminho - adquiriu uma outra função, transformou-se num espaço privilegiado para os automóveis e empurrou o homem para os espaços das calçadas – desniveladas, esburacadas, impróprias para os passos e passeios urbanos. E com o crescimento descontrolado das cidades, as ruas se tornaram áreas de combate, locais de desconfianças, e em alguns momentos de sacralização são caminhos que se cruzam para oferendas e despachos. A rua é um mundo à parte nas cidades contemporâneas, modificada pela necessidade moderna da funcionalidade. Se já não é mais ponto de encontro e de *footing*, tem ainda em seu conceito o sentido de caminho, guardado, apenas pelo fato de ser o lugar dos deslocamentos e o caminho das descobertas urbanas. Hermes age neste espaço, simbolizando o peregrino, o mensageiro. Sua imagem possui sapatos e chapéu alados. O sapato, o calçado, ou a sandália são os símbolos do ato sacerdotal por excelência, isto é, a ligação da terra ao céu. O sapato “*É a marca de hominização e da civilização*” (Durand, 1995). Os animais, bem como os escravos romanos e os anjos do Paraíso caminham descalços. Entretanto, o homem, para caminhar deve ter sempre seu calçado. Esse símbolo sacerdotal e suas imagens no plano profano representa a profissão de sapateiro e a sua simbologia sagrada (Durand, 1995), que prende o homem à terra e lhe dá a condição de caminhar.

Toda a arte do sapateiro consiste em unir com pregos ou fios, a sola que caminha sobre a terra à abóboda da pala. Esse o símbolo pontifical da arte do sapateiro. Os pastores são reis, mas os sapateiros são sacerdotes. (...) Da sola de um calçado se exige robustez, durabilidade, a firmeza de Jacó; do rosto, da pala do sapato se espera a delicadeza, a flexibilidade, a elegância de José. (...) A arte do sapateiro está toda aí: na união da rudeza, da solidez da terra com a leve abóboda do céu. (Durand, 1995).

O sapateiro, em sua arte, “costura” a dureza da sola à delicadeza da pala. Essa “costura” possui o significado de ligação, que está intrinsecamente relacionada ao “*re-ligare*”, uma religação do sacro e do profano; a essência da Religião. O homem que caminha traz consigo um simbolismo religioso; seja nas peregrinações sagradas, ou no caminhar profano pelas cidades contemporâneas, os percursos têm sempre um significado. Aquele que caminha

observa, cria percursos distintos e expõe suas experiências em forma de conhecimento, é “filho de sapateiro”. Trazendo essas concepções para o plano da cidade, alguns autores são capazes de costurar a dureza das ruas à pala poéticas das imagens do cotidiano. Eles criam caminhos e percursos, e atribuem significados aos espaços vividos.

O caminhar desvela possibilidades, paisagens; um mundo novo a cada passo. O caminhar pode percorrer um mesmo trajeto, sempre; no entanto, a surpresa está nos passos de quem caminha, no olhar de quem procura outras coisas para serem vistas que não as coisas da rotina, ou de quem procura o novo, na mesmice – um olhar poético sobre o banal. Mas a vagância do homem tem uma origem bíblica, no castigo de Caim. O pecado cometido foi punido com o Mundo, sem um lugar específico. A fuga constante permitiu o povoamento e a fundação de cidades onde Caim parava para descansar. Deste arquétipo do pervagante ao símbolo do caminhante moderno, o flâneur, o deslocamento a pé pelas cidades sempre foi a melhor maneira de colocar o cidadão em contato com o local em que vive, de lhe permitir a participação nos relatos dos espaços públicos, pelo andarilho urbano e despreocupado.

A figura do flâneur está relacionada diretamente com a cidade moderna e, em muitas vezes, ao poeta Charles Baudelaire (sem esquecer “O Homem da Multidão”, de Edgar Allan Poe). Para Baudelaire, o flâneur é artista ao caminhar, também é um observador e filósofo. O flâneur se encanta com as pequenas coisas, as singelas surpresas, ou as inóspitas invenções da vida cotidiana das grandes cidades. Esse personagem é um observador apaixonado pela vida, a ponto de ter a multidão como seu próprio universo. Todavia, ao caminhar, ele observa e também se resguarda de maneira incógnita. O flâneur caminha desprovido de mapas ou percursos pré-estabelecidos. Ao vagar pela cidade lê a poética das ruas, nos edifícios, nos habitantes, nos fatos do cotidiano.

A figura do flâneur é a imagem transgressora do transeunte. O plano de deslocamento do homem comum é anulado por esta figura que faz da cidade o seu local de devaneio. Considerando este indivíduo – quase a sombra do homem contemporâneo – como um transgressor de regras urbanas, pode-se pensar que para uma sociedade capsular, o flâneur é a consciência de uma corporeidade esquecida. O flâneur é o andarilho urbano que estabelece um vínculo de corporeidade com a cidade e devolve às ruas um pouco de humanidade, aprofundando a dimensão simbólica do lugar. O flâneur, hoje, é o arquétipo para todo e qualquer indivíduo que cruza o espaço urbano a pé, que se desloca, mesmo em um trajeto definido, transgredindo a ideia da violência urbana, expondo-se à cidade e estabelecendo com a cidade uma relação afetiva – reconhecendo suas peculiaridades e mapeando seus espaços interditos, senão proibidos. O flâneur/transeunte insere seu corpo nos espaços mais escondidos da cidade ampliando seu significado urbano, quase que os devolvendo à sua realidade urbana.

O caminhar carrega em si valores estéticos (Careri, 2013), que permitem ao homem compreender e construir a imagem do mundo em que vive, desde as transumâncias do paleolítico até os deslocamentos para o trabalho, de hoje. Caminhando, o homem fundou cidades e definiu territórios e fez da experiência vivida a transformação do espaço urbano. Da errância do caminhar nômade, ao caminhar sem destino do flâneur, o território – a cidade ou o campo – é sempre o suporte dessas experiências. Careri expõe que, a palavra experiência relaciona-se com atravessar, arriscar e o perigo; mas também com a palavra alemã Erfahrung –

do vocabulário alemão antigo *irfaran-* que significa sair, atravessar ou vagar. O importante é ressaltar que a experiência do caminhar traz em sua essência uma transformação mútua do lugar, isto é, o homem quando caminha transforma o lugar ao mesmo tempo que o lugar também o transforma. É nesse ato mútuo que se insere uma narrativa. Por ser artesanal, é também um gestual humano que os passos concretizam no espaço urbano.

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é a forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares. (Careri, 2013)

A rua é definida geometricamente e de forma abstrata pelo projeto de urbanismo, mas os pedestres a transformam em lugar, isto é, atribuem-lhe significados, ou seja, o *“espaço é um lugar praticado”* (Certau, 1998). Neste caso, o autor nos alerta que o lugar é uma *“configuração instantânea de posições”, que “implica uma indicação de estabilidade”*. Caminhar pelas ruas das cidades traz à percepção a sua identidade. É certo que o pedestre ou o flâneur atribuem a cada espaço da cidade valores distintos. O primeiro, em um ato mais racional, estabelece muitas vezes percepções ou vínculos visuais com o espaço urbano; enquanto o segundo transforma esses vínculos visuais em poética, como construção de uma narrativa de passos aleatórios. Esses passos aleatórios narram a história e as vivências escondidas na geometricidade das ruas. A ortogonalidade dos traçados não impede o ziguezaguear entre as calçadas, o ir e vir pela mesma rua, a interrupção dos passos para observar o movimento dos carros e das pessoas. A inserção do corpo como protagonista da *flânerie* faz da rua um lugar do espetáculo; do espetáculo de uma cidade que cresce desenfreada, isolando seus habitantes pelo ritmo alucinado do trabalho, que distancia o cidadão da vida das ruas.

Do andar do flâneur ao andar do cidadão, a pedagogia dos passos permite que o cidadão andarilho apre(e)nda os lugares, ensinando a seus compatriotas comportamentos de integração com a cidade, num processo de convivialidade (Alain Caillé, 2011), sem excluir as diferenças e nem o medo urbano, antes respeitando-os.

SOCIEDADE CAPSULARE O SENTIDO DO DESAPEGO

A cidade pós-moderna tem outras dinâmicas do binômio tempo-espaço, distintas da cidade moderna. As relações de produção e consumo, os sistemas de comunicação e fluxos de informações que possibilitam a circulação de mercadorias em uma velocidade maior produzem as cidades contemporâneas, com outras necessidades e realidades dessa sociedade (Harvey, 2009). É uma sociedade capsular, sendo o resultado de uma nova geopolítica e da relação do poder da globalização (Schvarsberg, 2012). As cidades europeias perderam a homogeneidade de seus territórios, algumas se apresentam como fortalezas – como em suas origens – e, com suas redes de influências, estão conectadas pelos meios de comunicação e transporte. Isso as caracteriza como pontos nodais do território; quando estudadas no âmbito local, são

desconexas com as dinâmicas urbanas, pois são hermeticamente fechadas, cujo acesso restrito responde a códigos de seguranças e, até mesmo, segregações sociais. Podemos citar a cidade de Londres que após o projeto urbano da requalificação das margens do Rio Tamisa, em Docklands, cria um polo econômico e cultural extremamente importante, ao mesmo tempo que segrega espaços adjacentes com infraestrutura menos avançada. Nessa mesma temática, o projeto urbano de Berlim reflete muito mais uma ação efetiva do capital na produção do espaço, com suas construções high-tech, do que com a própria história local. Assim como Docklands, na América Latina, especificamente na Argentina, temos o exemplo de Puerto Madero. Um porto segregado pelo fim das suas atividades, que sofre um processo de requalificação urbana, voltada para o turismo e negócios. Entretanto, esse espaço se torna tão valorizado que há um processo consequente de gentrificação. Aqui no Brasil tivemos um exemplo semelhante, com a criação do Porto Maravilha. Toda a área do porto recebe um projeto que transforma significativamente o espaço urbano, para eventos como as Olimpíadas e a Copa do Mundo. Viadutos são demolidos, praças são criadas, Museus construídos, enfim, um investimento altíssimo e a gentrificação presente como parte do processo de valorização do espaço público.

Em todos os casos, apenas partes da cidade são valorizadas, com uma arquitetura muito semelhante à de todos os lugares da contemporaneidade. De certa forma, essas estão interligadas, ou seja, cidades em redes com características em comum. O reflexo urbano dessa sociedade é uma cidade cada vez mais genérica, mediada por capsulas de transportes, de edificações como shopping center, parques temáticos, condomínios fechados, ou virtuais como computadores, televisões, celulares (Schvarsberg, 2012).

A sociedade capsular intensifica o funcionalismo da cidade contemporânea, tira o homem da rua – ou o prende mais à rua - e amplia o sentido de “estranho”, distanciando o Outro. cada vez mais, o homem contemporâneo se afasta de seus pares, para viver de forma solitária, na multidão, ou em sua casa. Seu isolamento não é quebrado pelo indivíduo mais próximo; sua barreira não é senão a tela de um celular ou o fio de um fone de ouvido. Cada vez mais, o indivíduo se encapsula com a possibilidade de perder até a dimensão do próprio corpo, e anda pelas ruas como “zumbis”. A ideia de uma sociedade capsular representando uma sociedade de mobilidade ilimitada e constante, se possibilitou a interação com a tecnologia dificultou o convívio humano e urbano, as relações primárias e mais básicas do desenvolvimento social, as trocas interpessoais e a comunicação. Assim, da cápsula – carros, metro, ônibus, etc – como a liberação do edifício do terreno (Cauter, 2004), para o encapsulamento do indivíduo, em si mesmo, o sentido de rua se modifica e o espaço de convivialidade é colocado em risco; ou pelo medo de sua exposição, o indivíduo contemporâneo entende a rua como local de criminalidade.

Este desvio de comportamento trazido pelo excesso de tecnologia tem efeitos nefastos no comportamento humano. A priorização do bem-estar pelo uso da tecnologia, não só isola o indivíduo, como transforma o cidadão, que não se preocupa mais em ocupar espaços públicos e habitar a cidade, mas apenas atribuir a estes espaços um uso meramente funcional – são espaços de passagens, indiferenciados; tanto faz o lugar -, e a cidade é o lugar que acolhe o corpo ambulante, habitat introspectivo do indivíduo – sendo uma das causas das relações superficiais e distantes.

De forma mais prática, essas relações humanas quando alteradas, também influenciam o espaço urbano vivenciado. A praça, por exemplo, que era o local do encontro ou do ócio na sociedade capitalista europeia, hoje se torna local de passagem. O homem já não vivência a praça, que muitas vezes é somente a representação de local perigoso. Ainda refletindo sobre a praça e a sociedade capsular o principal exemplo é o átrio pós-moderno das praças de alimentação dos shoppings. Nesse sentido, esses espaços tentam emular a esfera pública. (Schvarsberg, 2012). Shoppings, assim como aeroportos, estações ferroviárias e de metrô, isto é, locais de passagem, são considerados exemplos dos espaços de uma sociedade capsular, e também, paralelamente, não-lugares discutidos por Marc Augé.

Os não lugares são tanto as instalações necessárias a circulação acelerada das pessoas e de bens (vias expressas, trevos rodoviários, e aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda campos de trânsito prolongado onde estão alojados os refugiados do planeta (Augé, 2010)

Walter Benjamin (2006) cita que habitar é deixar rastros. Mas os rastros que a sociedade contemporânea deixa na cidade são virtuais e efêmeros, tanto quanto as relações humanas estabelecidas. Na cidade contemporânea é quase nula a noção do sentido de comunidade, como o dos gregos; ou como Bauman (2003, 15) pensa – “um entendimento que precede todos os acordos e desacordos (...) o ponto de partida de toda união (...) um ‘sentimento recíproco e vinculante’”. O homem não se sente parte da “Polis contemporânea”, não tem o “sentimento vinculante”. Ao contrário, ele se exclui da cidade, tornando-se anônimo. Em consequência, os condomínios fechados primam pela segurança e pelo conforto, mesmo que de forma ilusória, e se apresentam muito mais como prisões do que como um espaço de liberdade. A maioria desses empreendimentos cria uma série de espaços internos, para que não haja a necessidade de exposição dos moradores aos problemas citadinos.

Esse tipo de situação, no entanto, parece perder espaço seja nas novas expansões urbanas — “a cidade dos muros” —, seja nos projetos de renovação urbana — a cidade “museificada” ou “pacificada”. Pode-se constatar, dessa forma, que estados de rua não apenas são negados e evitados pelo planejamento das novas zonas de expansão do tecido urbano como têm sido reduzidos pelas remodelações de áreas consolidadas. São produzidas cada vez menos *ruas* e mais *vias*, que, ao contrário do espaço humano e político defendido aqui, servem aos fluxos homogêneos da aceleração contemporânea, levando direta ou indiretamente à redução da urbanidade nos espaços públicos, especialmente naqueles onde predomina o movimento. (Schvarsberg, 2012)

Isso é uma exclusão total da cidade. Esse posicionamento do homem cria um ciclo vicioso. As crianças, hoje, vivem confinadas em suas casas, ou em seus conjuntos habitacionais e crescem entendendo que a cidade é problema dos outros e não de todos. Assim, paulatinamente perde-se o sentido de comunidade. Janes Jacobs (2003), no livro “Morte e vida das grandes cidades” faz uma crítica à cidade modernista e propõe uma recuperação deste sentido originário. Jacobs coloca a importância do contato social nas ruas; muito mais que local de passagem, a rua se caracteriza por um espaço de aproximação das pessoas devido à vida cotidiana. Com o tempo, essa rua não terá mais caráter pessoal. A autora cita, por exemplo,

que cuidar das crianças dos vizinhos é uma responsabilidade de todos, não apenas dos pais. Assim, cuidar é o que mais se aproxima do que dissemos acima sobre os gregos e as tradições. As tradições, ou as brincadeiras de rua são pouco ensinadas para as crianças. A brincadeira já está pronta, sem a real interação da criança com o espaço. Por exemplo, o esconde-esconde fazia com que a criança se imaginasse mimetizada ao espaço. A relação do seu corpo com o espaço era fundamental para esse mimetismo. Ao contrário o vídeo game de última geração apenas explora imagens de espaços urbanos carregados de violência e degradação. Com isso a criança estabelece a relação entre o perigo virtual e o espaço real. Não há mais espaço para a inocência ou até mesmo à ingenuidade nas ruas. As ruas foram transformadas em locais perigosos, portanto deve-se estar atento.

A cidade contemporânea oprime seus habitantes, altera as relações de escalas entre o homem e o espaço construído, aniquila as relações humanas. Mais do que isso, cria novas relações sociais e urbanas, baseadas na desconfiança e no medo. O lugar do encontro não é mais concreto, não é mais vivido. Os homens se isolam nos seus próprios mundos tornando-se individualista e solitário, a tal ponto, que Augé (2014) fala em uma antropologia da solidão, mesmo quando faz parte de uma multidão. Neste contexto, o homem torna-se um número, que é o símbolo da pedagogia do isolamento. E quando ele se isola, não consegue reconhecer o outro como parte da mesma sociedade, pois isola o próximo, marginalizando-o. Ao não reconhecer o Outro, o indivíduo não reconhece a si mesmo e nem se torna ator das suas próprias ações, e nem agente produtor do espaço em que vive. As relações humanas tornam-se frias, distantes, e a cidade auxilia nessa mudança de relações. As cidades contemporâneas são “governadas pelo medo” visto a linguagem hostil das fachadas (Bauman, 2003); em algumas cidades norte-americanas, os projetos para espaço público já são pensados como áreas extremamente vigiadas. Os bancos de praças, por exemplo, são à prova de mendigos com sistema de irrigação que não permite a permanência desses cidadãos nesses locais. É a pedagogia do desapego aliada à pedagogia do medo. Um exemplo dessa pedagogia do desapego fica evidente em determinadas áreas da cidade – em especial nas zonas centrais – quando os moradores de ruas e camelôs são retirados das ruas para renovação desses espaços urbanos, em um processo de gentrificação. Os projetos urbanos e as ações dos gestores criam ruas assépticas, voltadas para a circulação do capital (Schvarsberg 2012).

O desapego, no entanto, não se refere somente ao lugar, mas, principalmente, ao direito à cidade. O isolamento capsular – tanto arquitetônico como pessoal – alienou o cidadão e o afastou da sua cidade. O que simbolicamente representa um local de refúgio, tornou-se um espaço de angústia, solidão, medo ... e de um progresso econômico que desagrega o sentido de sociedade da cidade, enquanto espaço comunitário, fortalecendo o sentido econômico de mercado – as relações sociais, transformaram-se em relações de compra e venda, fazendo que o sentido de refúgio se transforme em disputa imobiliária e desejo de posse; de um poder ser para um poder ter. A sociedade contemporânea cria laços afetivos frouxos, pois todo o relacionamento é também um investimento de risco, permeado pela insegurança, e exposto a flutuações de futuras emoções. São pessoas aflitas pela sua própria essência e existência (Bauman, 2004). No contexto social contemporâneo, as relações humanas são, “relações de bolso”, isto é, “relações de pacotilha”. Há uma “encarnação da instantaneidade e da

disponibilidade” entre as pessoas (Bauman, 2004). A cidade contemporânea é um reflexo direto desse fenômeno (Bauman, 2005), no qual o medo e a desconfiança são base para a construção da sociedade urbana contemporânea. A morfologia urbana, a paisagem urbana, as escalas discrepantes entre as edificações e as pessoas, sugere um modo de vida que individualiza cada vez mais os habitantes. São espaços urbanos austeros, que desagregam, ao invés de proporcionar o convívio, transformando-se em pedras miliárias que desintegram a vida comunitária (Bauman, 2005); há uma mixofobia, isto é, medo de se misturar, de conviver com uma variedade de tipos humanos e estilos de vida gerada pela globalização (idem). Nesse sentido Schvarsberg, discute o declínio do homem público, ante a indiferença para as questões de interesse público

É possível associar esses processos coletivos de subjetivação ao que Sennett (1998, p.17) definiu como “o declínio do homem público”, um processo social enraizado historicamente, em que pouco a pouco as preocupações com questões públicas e com o outro deixam de ter importância, e, com isso, laços que não sejam familiares ou de amizade deixam de existir. Isso acontece ao mesmo tempo em que se opera uma interiorização das preocupações humanas, cuja origem estaria na crescente importância da psicologia na vida burguesa. “Multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares”. Com isso, as relações coletivas passam a realizar-se preponderantemente em termos de expressão psicológica, de sentimentos e necessidades interiores, ou seja, o universo privado torna-se a própria linguagem de comunicação pública. (Schvarsberg, 2012)

Ao aliarmos duas ciências distintas e aparentemente distantes - como a Pedagogia e o Urbanismo - compreendemos melhor a composição de forças que formam as cidades. A pedagogia urbana é um viés para se ler a cidade e a sociedade, e a forma como se dá a relação entre estas duas instâncias. A cidade deveria nos ensinar a viver em comunidade, ou ao menos facilitar tal convivência, mas são os homens que devem construir uma sociedade melhor para se viver, independente da forma e qualidade de espaço que lhes são oferecidos. Viver a cidade é caminhar por ela, adentrar ruas e becos, explorar as grandes avenidas, observar tantas outras cidades dentro de uma mesma cidade; e por fim ter a sensibilidade de compreendê-la como um fenômeno vivo, ativo. Conforme Careri (2013) afirma, caminhar também constrói arquiteturas. Mas se estamos falando de pedagogia urbana - entendendo pedagogia como uma condução ou transmissão de conhecimentos - o que a cidade pode nos ensinar? Propomos nos tornarmos um personagem típico da cidade moderna: o *flâneur*. Aquele que caminha pela cidade observando-a em todos os aspectos. Para ele, a vida cotidiana é tão importante quanto o espaço construído. Entretanto, esse caminhar deve aqui ser desprovido de qualquer veículo. O carro, o ônibus, o metrô que pertencem a outra dinâmica de tempo e espaço, visto que esses são os elementos capsulares da sociedade pós-moderna. O que se propõe é caminhar pela cidade, a exemplo do morador de rua, ou das pessoas em situação de rua, que se deixam levar por seus passos despreocupado, sem traçar caminho, e nem ter horário para chegar; simplesmente andar; em qualquer direção. Como um passeio dadaísta, um caminhar errático, com toda a intensidade de uma percepção estética, conforme Careri (2013). Andar como forma de contravenção, para fugir do “pan-óptico” do Poder (Maffesoli, 2001), que tem na imobilidade o seu modelo. Fazer deste

andar ao léu um “novo espírito do tempo, esse ambiente imperceptível que pode nos incitar a ver na errância, ou no nomadismo, um valor social”. (idem, 2001, 28).

Ao caminhar, o homem consegue vivenciar a cidade com outra percepção do espaço. Portanto, o que se propõe é que a pedagogia dos passos esteja contida na pedagogia urbana. Ao caminhar consegue-se ler a cidade, isto é, compreender a cidade contemporânea e pós-moderna da forma mais simples: através da pedagogia da descoberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade capsular, como um reflexo da cidade contemporânea, possui cada vez mais uma característica endógena, fechada sobre si mesma. Nessa sociedade prevalece a pedagogia do medo e do desapego, pautada por um isolamento do homem contemporâneo, que perde paulatinamente o sentido de comunidade. Com isso os homens se distanciam, criam uma barreira invisível entre si e perdem o sentido de pertencimento comum. Mas a cidade pode ser retomada como um espaço de aprendizagem, dado a essência da Polis Grega. A pedagogia dos passos aproxima os moradores da cidade, ensinando-lhes a serem cidadãos, que têm nas ruas suporte para sua vida. A contravenção de usos permite que a cidade seja retomada pelo homem a partir da invasão das ruas pela população; o que transforma o uso e a intensão primeira deste espaço que se tornou primordial no desenho das cidades – para a definição dos lotes, como uma metodologia de planejamento, priorizando os automóveis. Quando a população invade as ruas para festejar, protestar, rezar; ou para o que quer que seja; esta população reconhece o seu direito à cidade e o seu direito à rua, exercendo a essência daquilo que é a pedagogia urbana, a condução ao direito de cidadania. Daí dizer que os homens estabelecem relações simbólicas com o espaço, e que esse é um ponto importante para se começar a pensar em novas dinâmicas da cidade contemporânea, é propor uma nova forma de olhar e de pensar a cidade, mas acima de tudo, é propor um princípio de uma outra método para o estudo do urbano.

TÍTULO REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2010.
- _____. **El antropólogo y el mundo global**. Tradução: Ariel Dilon, Buenos Aires: Silo Vintiuno, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- _____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004
- _____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2003
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: 1996.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- CALVINO, Ítalo. **Marcavaldo ou as estações da cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. Tradução: Frederico Bonaldo. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

DURAND, Gilbert. **A fé do sapateiro**. Brasília: UnB, 1995

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições. 2013.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2007

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2009

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAEGER, Wener. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JORGE, Luis Antonio. **O desenho da janela**. São Paulo: Annablume, 1995.

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MAFFESOLI, Michel – **El Conocimiento Ordinario** – compendio de sociología. México: fondo de cultura Económica, 1993.

MAFFESOLI, Michel – **Sobre o Nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. São Paulo: USP, Aula inaugural, 2003.

_____. **Rua, símbolo e suporte da experiência humana**. Disponível em publicação eletrônica na Internet, via WWW. URL: <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Capturado em 10/ 12/ 2011.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2013.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Disponível em publicação eletrônica na Internet, via WWW. URL: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf> Capturado em 12/06/2007

SANSOT, Pierre – *Poétique de la Ville*. Paris: Édition Payot & Rivage, 2004

Schmitt, É. (2014). Compte rendu de [*De la convivialité. Dialogues sur la société conviviale à venir*, d'Alain Caillé, Marc Humbert, Serge Latouche et Patrick Viveret, Paris, La Découverte, 2011, 191 p.]. *Politique et Sociétés*, 33 (1), 119–121. <https://doi.org/10.7202/1025598ar>